



EXCEPCIO-

NAALMENTE

ESTE RE-

LATÓRIO É

PARA SER

LIDO ATÉ

AO FIM!



Como nasceu O TEMPO E O MODO
O que se pretendeu fazer

Dentro de pouco tempo sairá o número 50 de O TEMPO E O MODO. Pensamos útil aproveitar esta circunstância para, utilizando a experiência passada, meditar em comum sobre o que esses cinquenta números significam e sobre o rumo que agora convém seguir.

Como todos sabem, O TEMPO E O MODO começou a publicar-se em Janeiro de 1963, sob a direcção de António Alçada Baptista e é propriedade da Livraria Morais Editora, de que Alçada Baptista é o sócio principal. Desde que este (em 1958) assumiu a orientação da referida casa editorial, tem ela (até aí predominantemente voltada para as edições de livros jurídicos) procurado informar e formar o público católico português num sentido de actualização progressiva, que o ponha a par com as correntes dinamizadoras e renovadoras do pensamento cristão contemporâneo. Assim, a Livraria Morais foi a primeira a publicar em português autores da importância e significado de Teilhard de Chardin, de Emmanuel Mounier, de Simone Weil, de Jean Lacroix, etc.. Simultaneamente, divulgava, traduzindo, Romano Guardini, Yves Congar, Jacques Maritain, Chesterton, Charles de Foucauld, René Voillaume, Lebret, Nédoncelle, Hans Küng, F. Perroux, Von Balthasar, Chenu, etc., bem como editava e publicava alguns dos nomes mais representativos do pensamento e das letras portuguesas contemporâneas.

A revista O TEMPO E O MODO inseriu-se nesta linha de actuação, ou seja, procurou e procura ser um Modo de realizar no Tempo português essa abertura para um Cristianismo mais vivo, mais presente e mais ecuménico. Daí, o ter pretendido ser uma revista de diálogo, mais propriamente, de diálogo entre crentes e não-crentes, separados em Portugal por barreiras de raiz histórica que na actual conjuntura política do país mais ainda se acentuaram. Para que o diálogo fosse possível, útil e autêntico, a revista, embora dirigida por um católico, propriedade de uma editora católica e com vários colaboradores católicos, definiu-se, desde a primeira hora, como revista não-confessional, "mesa redonda" em que os cristãos e os que o não são se sentam para examinar, em total liberdade e no respeito mútuo, tendo apenas como denominador comum uma perspectiva de progresso, os problemas que afligem a sociedade nacional. Revista de pensamento, já que se pretende ponto de partida para uma reflexão independente e séria acerca das grandes questões com que o homem do século XX se debate, é também revista de acção, na medida em que procura levar os que assim informa a uma tomada de consciência que lhes permita desempenhar um lugar importante na construção de um Por-



tugal mais livre, mais justo e mais digno. O TEMPO E O MODO é também, e por definição, uma revista aberta: aberta a todos aqueles que em inquietação e esperança se debruçam sobre a realidade e o povo português.

Desde o primeiro número que O TEMPO E O MODO afirma lutar contra "a desordem estabelecida" e desde o primeiro número que se bateu por uma concepção libertadora e progressiva da Pessoa Humana e da História. Para resumir o que a revista tem querido ser, foi e é possível falar de humanismo interventor, experiência de democracia, personalismo e comunitarismo. Não se faltará à verdade se se disser que na busca deste humanismo personalista, O TEMPO E O MODO tem procurado ser fiel às grandes directrizes e à inspiração dominante de Emmanuel Mounier, há mais de um quarto de século prosseguida em França pela Revista "Esprit".

Contudo, O TEMPO E O MODO apresenta em relação a "Esprit" diferenças que é útil salientar. Revista de diálogo de crentes e não-crentes não partiu ela, como a sua congénere francesa, de um pensamento determinado, comum a todos os colaboradores. O TEMPO E O MODO não é uma revista doutrinária. Isto, porque pareceu mais fecundo e dialogante, atento o condicionalismo que sobre os portugueses pesa, não definir a revista por uma doutrina mas por uma atitude, não por um modo de ser, mas por um modo de estar. Assim, se é verdade que são personalistas muitos dos colaboradores de O TEMPO E O MODO, não o é menos que muitos outros não estão ligados a essa corrente de pensamento. O que nos une é, antes, uma inquietação, um inconformismo, uma vontade de seriedade e uma vontade de esperança. O diálogo não se processa apenas com o público, processa-se também dentro da própria revista, na diversidade de posições que espelha e conjuga na atitude interrogante e interrogativa que é essencialmente a sua. Pode esse ponto de união apresentar-se como demasiado frágil, mas os testemunhos e as adesões que em volta de O TEMPO E O MODO se têm reunido demonstram que ele tem sido a sua força e a crescem a convicção dos responsáveis de que era o único possível num país bloqueado como é Portugal. Habitado ao monólogo, o público tem sido sensível ao esforço que se tem feito para aceitar o interlocutor e o diálogo, para impedir que todos e cada um se encerrem em posições estanques e fixas, por mais justas que sejam ou possam ser.

Como viveu O TEMPO E O MODO (I)

O que se fez

O TEMPO E O MODO publicou, como acima foi dito, quarenta e nove números, cerca de 5.500 páginas, reunindo aproximadamente trezentos colaboradores que testemunham a diversidade e a atitude citadas. Não há exagero ou imodéstia em afirmar que entre eles se contam os nomes de maior relevo da intelectualidade portuguesa: basta pensar em escritores como José Régio, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, José Cardoso Pires, Agustina Bessa Luís, José Rodrigues Miguéis, Sophia de Mello Breyner Andersen, Eugénio de Andrade, Fernando Namora, Mário Dionísio, José Blanc de Portugal, Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira, Adolfo Casais Monteiro, Raúl de Carvalho, António Ramos Rosa, Sttau Monteiro, António Pedro, Bernardo Santareno, Luís Francisco Rebelo, etc., em ensaístas como Eduardo Lourenço, Palla e Carmo, Joel Serrão, Gaspar Simões, Magalhães Godinho, José-Augusto França, João de Freitas Branco, Egídio Namorado, Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho, Delfim Santos, Paulo Quintela, Vítor Matos e Sá, João dos Santos, Armando de Castro, A. H. de Oliveira Marques, Jorge Dias, Augusto Saraiva, Rui Grácio, Oscar Lopes, Eugénio Castro Caldas, José Marinho, Adérito Sedas Nunes, Alberto Ferreira, Barahona Fernandes, Orlando Ribeiro, Jacinto Baptista, para, sem falar de muitos outros nomes, e sobre tudo das camadas mais jovens, se ter uma ideia dessa variedade e competência. Igualmente colaboram conosco nomes estrangeiros do maior relevo como D. Helder Câmara, Murillo Mendes, Edgar Morin, Pierre Emmanuel, Laurent Schwartz, Jean Marie Domenach, Julian Marias, Aranguren, Vicente Aleixandre, Leo Alting von Geusau, etc.

Editámos quatro números especiais dedicados ao problema do "engagement" do artista na sociedade contemporânea, à problemática europeia entre as duas guerras mundiais, à Espanha e à Crítica, o de Espanha inteiramente elaborado no país vizinho e com a colaboração de alguns dos seus mais prestigiosos pensadores. Em números temáticos foram focadas: as sociedades de abundância; os mitos; o problema da fome no mundo; a situação da América Latina; o sub-desenvolvimento económico; o progresso técnico; a personalidade e a obra de John Kennedy; a atitude do cristão face ao mundo contemporâneo; os centenários de Shakespeare e Gil Vicente; o Urbanismo; o Século XIX; Teilhard de Chardin; as Ciências Sociais; as novas estruturas da Igreja, etc. Secções de actualidades (Noticiário e Críticas) tentam acompanhar em idêntica perspectiva de diálogo e abertura, a evolução do mundo e da cultura modernas.



Foi este esforço que a revista "Books abroad" da Universidade de Oklahoma (E.U.A.) premiou, ao classificar O TEMPO E O MODO como "a melhor revista portuguesa", foi este esforço que mereceu à Rádio Italiana este comentário que nos é grato registrar: "Na nossa opinião (...) O TEMPO E O MODO já se coloca entre as melhores e mais dinâmicas revistas europeias, entre as poucas que contam, representando ainda, no panorama cultural português o ponto de encontro das mais genuínas energias intelectuais, delas sendo indispensável veículo e agente."

Por sua vez, o conhecido crítico brasileiro Otto Maria Carpeaux fala dum "tarifa gigantesca".

III

Como viveu O TEMPO E O MODO (II)

O que custou a fazer

Se nos pareceu importante recordar tudo isto, não foi meramente para nosso comprazimento. Cremos, contudo, que O TEMPO E O MODO é uma realidade importante e que importa tomá-la em linha de conta quando se tenta decidir de rumos futuros e diferentes. As razões que nos levam a pensar nestes têm directamente que ver com o que se tem feito e o que se tem feito - convém acentuá-lo agora - não tem sido fácil, nem facilitado. Para lá de todas as naturais dificuldades de que um empreendimento deste género se reveste, outras têm havido que se não podem considerar tão naturalmente e que de forma muito grave sobre nós pesam.

Coloque-se em primeiro lugar, o regime de censura a que estamos sujeitos. Como qualquer outra publicação periódica portuguesa, cada número de O TEMPO E O MODO é submetido a censura prévia. Nenhuma linha se publica na revista que não seja visada. Exerce-se essa censura, não sobre os originais que nos são entregues, mas sobre as provas tipográficas, cada corte acarretando, por isso, consideráveis despesas. Esses cortes podem visar o total do artigo, parte dele, ou até algumas palavras. Na curta história de O TEMPO E O MODO foi-nos cortado material que abrange cerca de 700 páginas, ou seja o equivalente a sete números da Revista! Se se atender a que só é enviada matéria "passável", ou seja sobre a qual se exerceu já uma auto-censura, ter-se-à uma ideia do que tal significa como distorção, obscurecimento ou forçado silêncio. Para já não falarmos nos prejuízos materiais com este aspecto relacionados, que andam à roda de

70.000\$00!

Se a luta com a censura tem sido árdua, ela não é, contudo, a única forma de pressão ou opressão a que temos estado submetidos. Campanhas mais ou menos insidiosas e violentas que vão até ao pedido de proibição da revista, têm sido desenvolvidas por organismos e publicações da direita e extrema direita.

A estas dificuldades, que nos são extrínsecas, outras se acrescentam e de que convém dar conta.

O TEMPO E O MODO tira actualmente 2.000 exemplares para 1.374 assinantes assim distribuidos:

Continente:	1.155
Ultramar:	119
Estrangeiro:	<u>100</u>
	1.374

O total das nossas receitas anuais, que é de Esc. 235.000\$00, provém das seguintes fontes de receita:

Assinaturas (a 120\$00 ou 100\$00 anuais conforme é tarifa normal ou de estudante)	Esc. 150.000\$00
Vendas avulso(15\$00 cada)	20.000\$00
Publicidade	<u>65.000\$00</u>
	235.000\$00

Por outro lado, a nossa despesa anual que perfaz Esc. 357.000\$00 discrimina-se do seguinte modo

Tipografia(cada número custa em média 13.000\$00)	143.000\$00
Colaboração(cerca de 4.000\$00 por número)	44.000\$00
Encargos com financiamentos	12.000\$00
Artigos de escritório, água, luz, renda, correio, etc	48.000\$00
Ordenados do chefe de redacção e do pessoal de administração e secretaria	<u>110.000\$00</u>
Total	357.000\$00

Há, pois, um déficit de Esc. 122.000\$00, que tem sido suportado pela Livraria Moraes.

Esta é situação nua e crua.

Para a sanar vários caminhos têm sido tentados sem grande resultado. Não se vendo como reduzir as despesas, o aumento das receitas só é possível com mais assinantes, mais vendas avulso, mais publicidade. Parece acontecer que as actuais



características d'O TEMPO E O MODO dificilmente as asseguram.

Com efeito, uma análise atenta dos números publicados da revista demonstra que nesta a fórmula "pensamento e acção" se saldou por um primado do primeiro sobre a segunda. Os créditos firmados pela revista (e as respostas dadas ao recente inquérito que organizamos são concludentes) referem-se ao nível cultural por esta mantido. Os últimos números acentuam um pendor "universitário" que conquista as boas graças das elites e afasta a massa do público, impedindo a penetração para além dum número muito superior ao actual número de assinantes da Revista. Por outro lado, persiste a indefinição no público que se atinge e naquele que se pretenderia atingir. Aqui ainda importa encontrar a fórmula que, sem fazer perder a O TEMPO E O MODO uma tradição conquistada e mantida, possibilite o encontro com outro tipo de público e lhe dê características mais imediatamente acessíveis.

A confirmar estas impressões, das respostas aos inquéritos deduz-se que:

a) Os leitores são sensíveis a um certo critério de qualidade que inegavelmente tem assistido a O TEMPO E O MODO e que parece justificar que se mantenham artigos com essas características.

b) Boa parte deles, queixa-se da ausência de reportagens, entrevistas, artigos de imediato impacto e actualidade (que devem, pois, ocupar lugar importante na revista).

c) Muitos, igualmente, lamentam o aspecto compacto da revista e solicitam o seu aligeiramento, e a sua transformação numa publicação de mais fácil leitura.

Estas três alíneas parecem apontar para a construção dum fórmula que transforme O TEMPO E O MODO numa revista com mais impacto e que a renove e transforme em alguns dos seus aspectos.

IV

Como viverá O TEMPO E O MODO

O que se virá a fazer

Os responsáveis por O TEMPO E O MODO pesaram devidamente a situação, tomando em linha de conta três factores:

a) A imperiosa necessidade de continuar a obra iniciada por O TEMPO E O MODO, mantendo-lhe o mesmo nível, independência e orientação.

b) A urgência de ampliar essa obra, difundindo, a um público mais amplo e menos minoritário, o pensamento e valores essenciais que, desde a fundação, animaram a nossa revista.

c) A necessidade de fugir tanto a uma revista de elite

sem justificação em Portugal, como a um magazine sensacionalista que faça perder a O TEMPO E O MODO as características de seriedade e exigência que devem continuar a ser suas.

Duas fórmulas parecem oferecer-se-nos:

1) Uma revista ilustrada cujo arranjo gráfico e apresentação comercial se aproximassem da do magazine, mantendo-se, no entanto, uma indispensável sobriedade de gosto que a individualize de quaisquer publicações sensacionalistas e conservando-se, quanto possível, uma linha de continuidade com o modelo anteriormente editado.

2) Uma revista que conservando as características do modelo habitual, sofra as indispensáveis modificações de paginação, arranjo gráfico e aligeiramento (redução para 80 pags., exclusão de ensaios ou artigos demasiado especializados ou eruditos) que lhe possibilitem, sem uma tão funda ruptura com o passado, satisfazer a aspiração traduzida em b) .

A primeira fórmula tem a seu favor permitir um considerável acréscimo de publicidade que é hoje, como bem se sabe, a principal fonte de receita da maior parte das revistas e a possibilidade de uma muito maior penetração junto de mais vastas e diversas camadas de público. Contra ela, além dos riscos de degradação e superficialidade, a que dificilmente se fugiria, a ausência de jornalistas qualificados capazes de assegurar com nível, bem como, certamente, muito maiores dificuldades por parte da Censura .

A segunda fórmula capaz de assegurar um maior equilíbrio entre o pensamento e a acção a que o Tempo e o Modo se propôs, pode, por outro lado, não alterar subatancialmente o quadro financeiro e económico acima traçado.

Em qualquer caso, e qualquer que seja a fórmula a escolher, pensamos simultâneamente lançar uma série de cadernos O TEMPO E O MODO (2 ou 3 por ano) que manteriam as actuais características dos números especiais da revista e que, centrados sobre um tema único, correspondessem às preocupações dum público mais restricto.

O primeiro desses cadernos sairá ainda este verão e é dedicado ao Tempo e o Modo do Brasil. Para ele, contamos já com a colaboração de alguns dos nomes maiores desse país: Alceu Amoroso Lima, Florestan Fernandes, D. Helder Câmara, Paulo Singer, Anísio Teixeira, Murillo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Marques Rebelo, Haroldo de Campos, Antonio Cândido, Wilson Martins, Luís Costa Lima, Walter Zannini. Henrique



Mindlin, Joel Pontes, Airton Lima Barbosa e Vicente Barretto, bem como dos portugueses Jorge de Sena, Casais Monteiro e Eduardo Lourenço.

Estes cadernos e a nova revista serão pois O TEMPO E O MODO do futuro.

V

O novo O TEMPO E O MODO
depende de todos

Cabe-nos, portanto, tomar uma decisão. Pensamos que seja ela qual for, dadas as suas implicações, não devia ela ser tomada só por nós, mas por todos aqueles que, desde o início, têm manifestado por O TEMPO E O MODO um interesse activo, enviando-nos colaboração, sugestões e apoios de toda a ordem, dos quais retiramos a nossa principal razão de ser.

Esse interesse e desejo de colaboração nos levaram a encarar, de acordo com a ~~Marina~~ Marina Morais, a hipótese da constituição duma sociedade O TEMPO E O MODO de que poderiam participar todos os assinantes que o desejassem, mediante a compra de acções (Esc. 1.000\$00 cada). A esta sociedade caberia a efectiva administração da Revista e a orientação não só dos seus números e actividades, como da colecção chamada O TEMPO E O MODO.

Deste modo procurar-se-ia dar a todas as pessoas a quem a linha seguida por O TEMPO E O MODO interesse a possibilidade de uma participação real e activa na sua orientação.

Assim O TEMPO E O MODO seria cada vez mais uma obra comum.

No final deste relatório em que procurámos dar conta de uma forma exaustiva e o mais clara possível do nosso passado, presente e futuro, apelamos, pois, para si. De si depende **o futuro da nossa revista e da nossa obra. Por isso, e afim de** ajuizar do interesse que a nossa proposta desperta, agradecemos-lhe que

a) Preencha o boletim anexo, indicando também nomes de pessoas possivelmente interessadas em participar desta sociedade.

b) Nos envie, por escrito, e até final de Setembro, a sua opinião sobre as transformações que O TEMPO E O MODO deve sofrer.

CONTAMOS CONSIGO!

DÊ-NOS A SUA OPINIÃO E O SEU APOIO!

ENTRE PARA A SOCIEDADE "O TEMPO E O MODO"!

A enviar até 15 de Outubro

BOLETIM DE SUBSCRIÇÃO PROVISÓRIA

NOME _____

MORADA _____

Desejo ser sócio da sociedade anónima Revista O TEMPO E O MODO, pelo que subscreverei _____ acções de _____ num total de Esc. _____ \$ _____, que pagarei

a pronto
em _____ prestações.

Sugiro que entrem em contacto com as pessoas seguintes :

